

Mãe é mãe, só muda a tela

Por Gil Carvalho

A figura da mãe é uma das mais ricas no imaginário popular. Terna, generosa, acolhedora, abnegada, capaz de qualquer sacrifício em nome da felicidade de seus filhos, é sagrada até prova em contrário. Quando não obedece a esse perfil provoca estranhamento e negação, como se não fosse suportável tomar conhecimento da mãe desprovida de amor por sua cria. Por outro lado, pode causar indignação e reações violentas contra a quebra do arquétipo da Grande Mãe.

A arte, que não tem compromissos com a moral vigente e se permite adentrar espaços obscuros, volta e meia ousa retratar essa mãe que não tem instinto materno, que não age como se espera. No cinema, há inúmeros exemplos de mães malvadas, como em *Mamãezinha querida* (*Mommie Dearest*) de Frank Perry, baseado em livro da filha da atriz Joan Crawford, que mostra uma mãe alcoólatra, abusiva, que teria adotado quatro crianças apenas para atrair boa publicidade.

Mas é da mãe bondosa, lutadora, dedicada, incansável que o público mais gosta de ver. Um tipo bastante frequente nas telas é a mãe coragem, que enfrenta as mais cruéis instâncias de poder para salvar seu filho. Outro é da mãe que desconhece a força de seu sentimento até ser confrontada com uma situação limite. Também há aquela que não é mãe, ou seja, a mulher cujo instinto materno emerge quando há uma criança desprotegida precisando de seu afeto.

Uma história exemplar é a de Zuzu Angel, retratada no filme de mesmo nome dirigido em 2006 por Sérgio Rezende, que conta a vida da estilista de sucesso nos anos 60 e 70 que enfrentou a ditadura para descobrir o paradeiro de seu filho Stuart Angel. Engajado no movimento estudantil considerado subversivo, Stuart foi preso, torturado e assassinado por agentes da repressão no Rio de Janeiro. Na busca incansável pela verdade, ela ousou confrontar os militares, chegando, em 1973, a bater na porta do apartamento do general Ernesto Geisel, que no ano seguinte viria a ser o ditador da vez. Zuzu Angel morreu em 1976 em um misterioso acidente de carro na saída de um túnel que hoje tem o seu nome.

Na mesma linha, *A história oficial* (*La Historia Oficial*), produção argentina de Luis Puenzo, vencedora do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, narra o doloroso processo de conscientização de uma professora de classe média Alícia (Norma Aleandro) que desconfia que Gaby, a criança que adotou, pode ser filha de presos políticos da ditadura militar (1976-1983). Boa mãe e esposa, descobre horrorizada as conexões de seu marido com os órgãos de

repressão e confirma que os pais de Gaby realmente eram militantes de esquerda assassinados pelo Governo. Na busca da verdade, percorre hospitais, Igreja (que se omite) e chega até as Mães da Praça de Maio.

Um filme que mostra como o instinto materno pode aflorar inesperadamente, é *Central do Brasil*, de Walter Salles. Neste road movie dramático de 1999, Dora (Fernanda Montenegro) é uma professora aposentada que escreve cartas para pessoas analfabetas na Central do Brasil. Um dia, ela se vê responsável por Josué (Vinícius de Oliveira), um menino cuja mãe morreu atropelada diante da estação ferroviária. Dora então leva o menino de ônibus até sua família, no interior do Ceará. Ao longo do acidentado caminho, uma relação maternal se forma entre eles e, ao salvar Josué, Dora acaba se salvando.

Em *Pixote - A lei do mais fraco*, produção brasileira de 1981 dirigida por Hector Babenco, Marília Pera interpreta Sueli, uma prostituta que o destino põe no caminho do menino de rua vivido por Fernando Ramos Silva. Após ser abandonado pela família, tornar-se traficante de drogas, ser apreendido e fugir da Febem, tudo isso aos 11 anos de idade, Pixote vê em Sueli a figura materna de que ele tanto necessitava e, por um momento, eles formam uma família.

Como estas, existem centenas de produções cinematográficas focadas na figura materna e sua sempre complexa relação com seus filhos, naturais ou não. Uma prova de amor pode ser nesse Dia das Mães (ou todo dia, se depender delas) assistirem juntos a um filme em que a força e determinação das genitoras são postas à prova para no fim triunfar. Quem dera a vida sempre imitasse a arte...